EXPOSIÇÃO DE BERÇOS DA M. P. F.
II — Semana da Mãe

SUMÁRIO

N.º 10

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

BOLETIM MENSAL — LISBOA, FEVEREIRO DE 1940

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina.
Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8;
Telf. 46134 — Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 6

ASSINATURA AO ANO: 12$00 — LISBOA — PREÇO AVULSO: 1$00

Forja-de-Almas

Da última vez, citei-vos aqui Lyautey. Precisaria um dia de vos falar especialmente desta figura prestigiosíssima de soldado cristão que êle foi. Hoje, abonarei ainda a minha afirmação de há dias com esta outra, que também lhe diz respeito.

Sabeis que Lyautey trazia consigo um anel onde mandara gravar êste verso de Shelley:

«The soul's joy is in doing»: —
«a acção é a alegria da alma».

È dele também esta expressão com que se definia a si mesmo: *«decididamente, sou um animal para a acção».*

Pois bem, êste homem amassado neste temperamento fugoso, activo, como poucos o foram, era, já vo-lo disse de outra vez, um contemplativo.

E era assim que Lyautey «dava poesia à acção», como dele disseram os irmãos Tharaud.

Leio num dos seus biógrafos esta passagem: «antes de ser activo, de ser o génio da acção que as gerações presentes não chegaram ainda a compreender, e que as futuras não se cansarão de admirar, Lyautey foi um contemplativo dando-se a esta palavra todo o seu pleno significado de atenção ardente, de estudo apaixonado e de visão profunda».

Gosto de insistir convosco sôbre êste aspecto das grandes almas. É que cada vez está sendo mais preciso e urgente o combate contra o maldito espirito moderno todo armado no ar...

...contra a mentalidade das raparigas de nossos dias tão cabecinhas no ar, tão «armadas», tão vasias...

...contra a maneira de entender e levar a vida: dissipadamente, sem uma finalidade que a oriente — sem um ideal dignificador e enriquecedor.

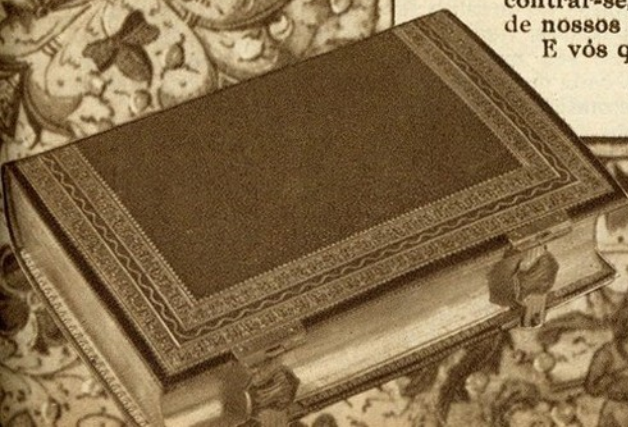
Notai: um contemplativo, mas um contemplativo cristão, o que quere dizer que Lyautey sabia que a verdadeira e única fonte de *Verdade* e *Amor* — é *Deus.*

Creio que estará aqui também a explicação dêsse desacêrto em que andam para aí os homens no *brouhaha* que é a vida moderna: não sabem, ou não querem saber, que Deus é

o Alfa e o Omega
o Princípio e o Fim
o Tudo.

Sem êste arrimo interior, sem a posse desta verdade — como hão-de os homens encontrar-se, ou reencontrar-se, na barafunda, na feira-da-ladra que é a vida de nossos dias?

E vós que pensais?

G. A.

A Espôsa do senhor Presidente da República inaugurando a Exposição dos berços

Um aspecto da Exposição no Liceu D. Filipa de Lencastre: berços da Província da Extremadura

No primeiro plano: três berços regionais — Braga, Bragança e Évora

O senhor Presidente da República e Ministro da Educação Nacional

SEMANA da MAE

A MOCIDADE EM LISBOA

TAMBÉM êste ano a M. P. F. quis aliar-se a «II Semana da Mãi», comparecendo em tôdas as sessões, assistindo à «missa das mãis» e oferecendo grande número de berços e enxovais para serem distribuidos pelas mãis protegidas pela «Obra das Mãis pela Educação Nacional».

As bandeiras e guiões da M. P. F. puzeram em tôda a parte a sua nota graciosa e a voz fresca das nossas raparigas — cantando e rindo — foi uma lufada de alegria que suavemente corrigiu a inevitável seriedade da «Semana da Mãi», dias de estudo dedicados a problemas graves e por vezes de aspectos tristes. Mas a colaboração mais importante da «Mocidade» na «Semana da Mãi» foi o oferecimento dos berços e enxovais, porisso a êles nos queremos referir mais pormenorizadamente.

A exposição, que teve lugar no Liceu D. Filipa de Lencastre, foi inaugurada, no dia 11 de Dezembro, pela Espôsa do Chefe do Estado, Ex.ma Senhora D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, tendo sido precedida a inauguração por uma palestra sôbre «Presépios e Berços», por Maria Joana Mendes Leal, seguida de canções de embalar por um numeroso grupo de Filiadas.

Terminada esta primeira parte, a Espôsa do Chefe do Estado, acompanhada pela Comissária Nacional da M. P. F. e outros dirigentes da M. P. F. e da «Obra das Mãis», dirigiu-se para a exposição. Quando, depois de cortada a fita branca que impedia a entrada, se pôde entrar na longa galeria onde, entre verdura e flores, se alinhavam, como flores também, os berços e os enxovais, todos sentiram a mesma impressão de encanto. Cada berço era um mimo. Cada enxoval um tesouro.

A-pesar-dêste ano os berços de Lisboa obedecerem quási todos ao mesmo formato, pode dizer-se que, depois de preparados, nenhum ficou igual! Cada berço foi idealisado de seu modo e o seu aspecto resultou diferente, porque cada um tomou o geito especial do bom gôsto e da personalidade de quem o confeccionou.

Na sua igualdade não se sentiu monotonia e pôde até verificar-se como um berço modesto se pode aconchegar e alindar sem lhe fazer perder a simplicidade.

Além dos berços da Provincia da Extremadura, cada Delegacia enviou um berço regional, que foram muito apreciados. Estes, voltaram para as terras da sua proveniência, para lá serem distribuidos.

Os berços de Lisboa foram entregues à Senhora Condessa de Rilvas, Presidente da Obra das Mãis, na sessão solene de encerramento da «Semana da Mãi», a que se dignaram assistir Sua Ex.a o Senhor Presidente da República, Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, o Senhor Ministro da Educação Nacional, representantes doutros ministros, etc.

A entrega foi simbólica: um grupo de filiadas, uma de cada escalão, entregou o berço e a graduada Maria Teresa Andrade Santos leu o oferecimento.

A senhora Condessa de Rilvas agradeceu comovidamente e tôda a sala, com a mesma comoção, aplaudiu o lindo gesto de caridade da Mocidade Portuguesa Feminina!

* * *

A MOCIDADE NO PÔRTO

É com muito prazer que juntamos nestas páginas a «Mocidade» da Capital com a «Mocidade» da cidade da Virgem. Foi pena que do Pôrto não nos tivessem mandado para o nosso Boletim uma notícia das festas ali realizadas a acompanhar as fotografias que publicamos (reùnindo as do 1.º de Dezembro às da «Semana da Mãi» porque nos chegaram juntas).

Mas os jornais trouxeram-nos o eco dessas festas: a missa celebrada pelo senhor Bispo do Pôrto; a inauguração da séde; a sessão solene brilhantíssima a que assistiram o senhor Bispo do Pôrto, o senhor Governador Civil, autoridades militares e civis, a senhora Condessa de Lumbrales, Presidente da Obra das Mãis, Dirigentes da M. P. F., etc.; a distribuição dos prémios às famílias numerosas e a distribuição dos berços oferecidos pela M. P. F.

Tudo foi grande, tudo foi belo, tudo foi enternecedor. «Mas — diz o *Jornal de Notícias* do Pôrto — a nota mais bela, a mais comovedora, deu-a a Mocidade Portuguesa Feminina. Que encantadora ideia, a sua, ao oferecer às mãis pobrezinhas da nossa terra aqueles berços pequeninos que vimos expostos numa das salas da O. M. E. N..

Da festa de ontem — e foi tão linda, tão comovedoramente portuguesa! — a nota mais doce, a mais simbólica, esteve naquela oferta. É o Portugal de hoje — tão diferente, graças a Deus, do Portugal de ontem, do Portugal da nossa geração! — embalando o Portugal de àmanhã! E como vai ser outro, diferente do «nosso», com uma juventude assim, o Portugal que ora madruga!»

Também o senhor Bispo do Pôrto, nas palavras com que se dirigiu à M. P. F., depois de ter enaltecido a «Obra das Mãis», deixou transbordar a comoção e a ternura de quem admira e abençoa.

«Tão lindas coisas estamos a vêr em Portugal!» disse o senhor D. António Augusto de Castro Meirelles.

E estas palavras ficam a iluminar a recordação das festas do Pôrto com uma luz que esperamos que jàmais se apague, porque a bondade e a beleza do espírito da M. P. F. nunca se hão-de extinguir, antes, pelo contrário, hão-de ir sempre brilhando mais alto, no fruto das suas boas obras!

Exposição dos berços da Ala n.º 1 da Província do Douro Litoral

A mesa da presidência na sessão solene do 1.º de Dezembro

A M. P. F., no largo da Trindade, ao içar da bandeira antes da missa, no dia 1.º de Dezembro

A senhora Condessa de Lumbrales, Presidente da O. M. E. N., entregando

Aqueduto de Alcântara — Gravura de L'Evêque

Aqueduto de Alcântara — Gravura de Noël

UMA EXPOSIÇÃO NOTÁVEL

NO Palácio Galveias, ao Campo Pequeno, foi inaugurada a *Exposição Cultural relativa ao Aqueduto das Águas Livres e Abastecimento de Água à cidade de Lisboa*, organisada pela Repartição dos Serviços Culturais, da Câmara Municipal de Lisboa. Trata-se de uma exposição notável que reúne mais de novecentas espécies, provenientes umas de colecções públicas e particulares, outras pertencentes à Câmara e entre as quais avultam cêrca de duzentas plantas e alçados do Aqueduto e de chafarizes lisboetas, dos séculos XVIII e XIX, pela primeira vez trazidos a público, e que formam, por si só, um núcleo valioso para o futuro Museu da Cidade.

No átrio encontram-se expostos seis mapas com a planta do Aqueduto desde as nascentes até aos arcos da Damaia, uma planta topográfica do Aqueduto desde as nascentes à Porcalhota e um documento do maior interêsse — o alçado do Aqueduto, assinado pelo autor do projecto, o brigadeiro Custódio Vieira. Dignas de nota são ainda as plantas do Aqueduto desde o Rato a São Pedro de Alcântara e a planta do sitio das Amoreiras, levantada por Carlos Mardel e com a assinatura de Cláudio Gorgel do Amaral.

Na sobriedade dêste conjunto, destacam-se os projectos de Carlos Mardel para a Mãi de Agua das Amoreiras, com o seu Neptuno armado do tridente, no cimo da cascata do grande reservatório. Uma gravura inglesa datada de 1792, representando o alçado, planta e cortes do Aqueduto de Alcântara, demonstra na extensa legenda a admiração que aos estrangeiros causava a magestosa obra levantada pelos engenheiros e arquitectos do rei D. João V. Mas dessa admiração é prova mais eloqüente a encantadora colecção de gravuras, dispostas nas duas salas contiguas, na grande maioria assinadas por artistas estrangeiros e dentre as quais se destacam as de L'Evêque, de Noël e de Vivian, reproduzidas nestas páginas. A monumental arcaria de Alcântara é o aspecto preferido, e Delarive coloca-a no último plano do retrato a óleo do rei D. João VI.

Carlos Mardel, Reinaldo Manuel dos Santos, Francisco António Ferreira, Malaquias Ferreira Leal Félix, José da Costa e José Pedro Pezerat são os nomes que assinam os projectos de abastecimento de águas dos séculos XVIII e XIX, agrupados ao centro da grande galeria, em redor do retrato do rei D. João V. Manuel da Maia e Ludovice, por cujos retratos passámos já, estão representados pelas cartas régias de nomeação para os altos cargos que com tanto saber desempenharam.

Não menos notável do que esta colecção de documentos relativos ao Aqueduto, que constitui material do maior interêsse para os eruditos e investigadores da história citadina, são os projectos dos séculos XVIII e XIX para chafarizes e fontes a levantar em Lisboa. O núcleo mais rico, sob o aspecto artistico e documental, é o de Carlos Mardel, com quatro riscos para os chafarizes do Rato, da Esperança, de Santa Catarina e de São Pedro de Alcântara e dois lindos projectos para uma fonte-monumento a D. João V, de que não há noticia ter sido realizada.

Segue-se o agrupamento de seis projectos para a fonte a construir, nos fins do século XVIII, no Campo de Santana, então uma das entradas de Lisboa. Dêstes o mais belo é o N.º 123, do catálogo. O projecto realizado foi o do arquitecto Francisco António Ferreira, que não chegou porém a ser concluido. As estátuas, executadas por Alexandre Gomes e terminadas por João Gregório Viegas, ornamentaram mais tarde o antigo Passeio Público.

Duas litografias, expostas junto dêste projecto, uma de Vivian outra de Anunciação, mostram-nos o Lago do Passeio Público decorado com as estátuas das sereias e dos tritões representadas no risco de F. A. Ferreira. Demolido o Lago, as estátuas foram recolhidas na Mãi de Água das Amoreiras, donde vieram para figurar nesta exposição, encontrando-se no páteo de entrada do palácio. Quanto às estátuas dos rios continuam na Avenida da Liberdade, a sucessora do romântico Passeio Público dos nossos avós.

Outro conjunto importante é o dos projectos para as fontes da Real Quinta da Bemposta, assinados por Passos Peixoto, Assis Rodrigues, André Monteiro da Cruz e Manuel J. de Sousa.

De Malaquias Ferreira Leal há uma série de riscos para chafarizes, alguns dos quais foram realizados como os de São Paulo, de Belém e de Pedrouços. O mesmo arquitecto levantou as plantas e alçado dos históricos chafarizes de Dentro e de El-Rei, as mais antigas fontes de Lisboa.

Além dêstes núcleos outras espécies há de grande interêsse documental, como o projecto de Miguel Angelo Blasco para o chafariz de São Paulo, com a assinatura do Conde de Oeiras, e um risco para fonte com uma inscrição alusiva ao rei D. José. Citaremos ainda os projectos para os chafarizes de São Sebastião da Pedreira, da Buraca, da Cruz de Tabuado, de Benfica, das Janelas Verdes, da Estrela, do Intendente, da Rua do Principe, do Livramento, da Cascata do Passeio Público, da remodelação do chafariz do Loreto, etc. Desta famosa fonte do Loreto existe na exposição um estudo do tanque e uma litografia de Legrand, que se encontra exposta junto da fotografia do estado actual do chafariz, recolhido no Reservatório dos Barbadinhos. Esperamos que um dia sejam restituidos à cidade estas reliquias da velha Lisboa, assim como que os quadros de Dirck Stoop e de Pillement (fotografias N.ºs 788 e 790) venham a pertencer ao Museu Oliponense. Os célebres chafarizes de Apolo, do Terreiro do Paço e de Neptuno, do Rocio, que deixaram tradição na nossa literatura, o primeiro desaparecido no Terramoto e o segundo demolido pela Câmara em 1786, estão representados no grande *Panorama de Lisboa*, quadro a óleo do século XVII, e num curiosissimo desenho à pena, figurando o Rocio antes da fatidica data de 1755.

Já vai demasiado longa esta noticia para nos referirmos ainda à importante colecção de manuscritos, de livros, de fotografias, às maquetes de obras futuras e a outras espécies que completam a exposição, na qual nem falta a nota do pitoresco, dada por material do antigo serviço de incêndios e pelos barris dos aguadeiros. Um catálogo metòdicamente organisado, prefaciado pela pena brilhante e erudita do sr. Gustavo de Matos Sequeira, é o melhor guia desta exposição, cuja visita atenta recomendamos às raparigas da Mocidade.

MARIA JOSÉ DE MENDONÇA

Aqueduto das Amoreiras
Gravura de Vivian

Neve

DE vez em quando os jornais anunciam que caiu um nevão na Serra da Estrêla e os amadores do *ski* partem em alegres caravanas para irem gosar durante uns dias, ou apenas durante algumas horas, o seu desporto favorito.

Deve ser tão bom deslisar, voar sôbre a neve!

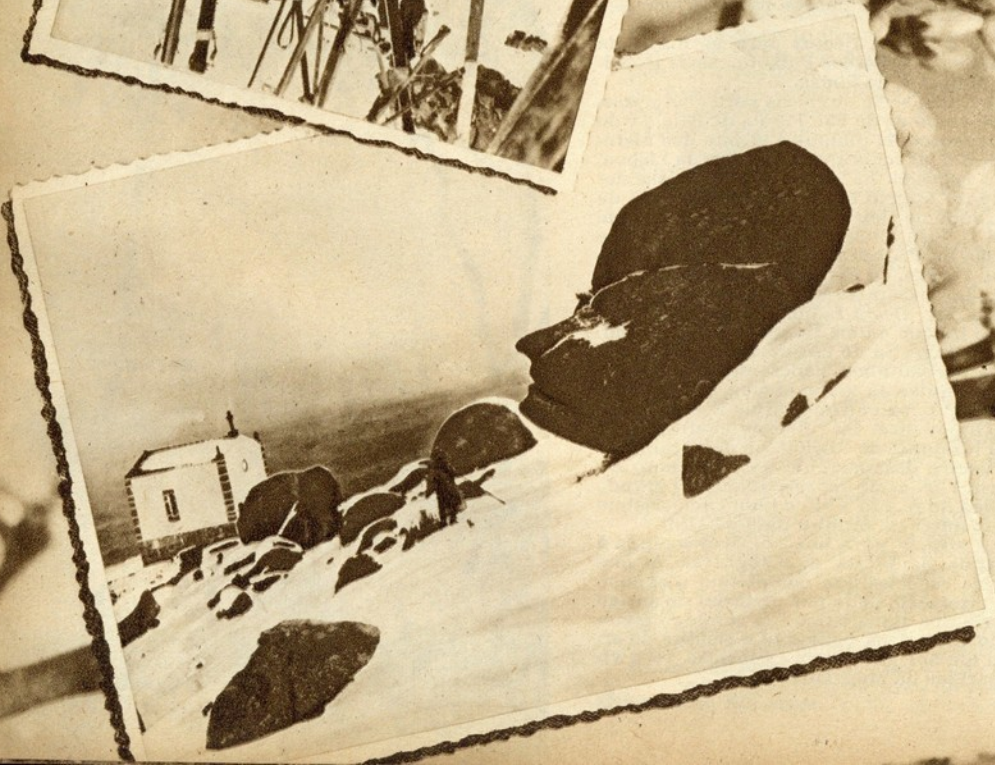
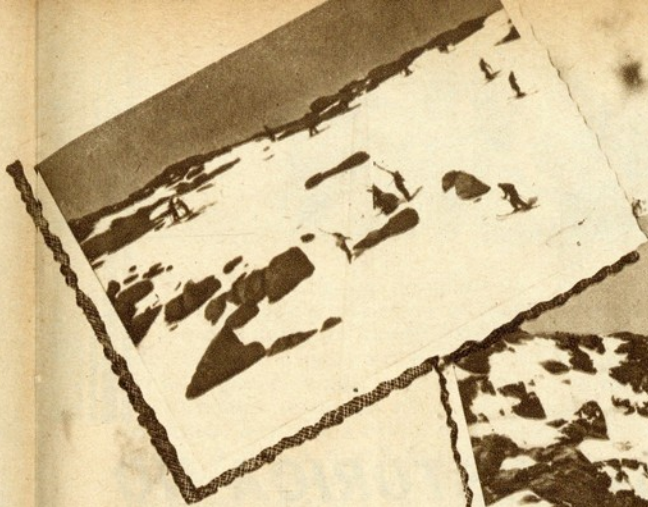
A sedução da neve é tão forte que mesmo aqueles que nunca a viram sonham com ela. E compreende-se a nostalgia daquela princeza da balada que nunca tinha visto a neve mas que morria de desejo de a ver e que, ao chegar junto dela, foi tal o seu deslumbramento, que se abraçou à neve e ali ficou para sempre, também ela branca e fria, sôbre a gelada brancura da neve imaculada.

A neve tem sempre encanto, mesmo vista de longe, como eu ás vezes a vejo nos cumes da minha Serra da Estrêla. Mas nada se compara ao prazer de nos aproximarmos dela e poder afagá-la com as nossas mãos e contemplá-la sem fim, a encher a nossa alma da sua beleza!

É tão linda a neve!

E o meu pensamento foge para as regiões longínquas da Finlândia onde heroicos esquiadores defendem o seu país, voando sôbre a neve, vestidos de branco e confundidos com a sua brancura, e onde tantos têm ficado amortalhados sob essa neve amiga em que o seu sangue desfolha rosas vermelhas...

Mas, se muitos amam a neve, outros preferem à alvura das montanhas cobertas de neve a nevada brancura das amendoeiras em flôr.

COCCINELLE

ASPECTOS DA NEVE
NA SERRA DA ESTRÊLA

A FEIÇÃO HISTÓRICA NO ROMANCE DE JÚLIO DENIS

A feição histórica no romance de Júlio Deniz parece-nos um dos temas mais curiosos para tocar nesta época do seu primeiro Centenário, enlevados que fômos durante a juventude na honesta sinceridade do seu pensamento, na singeleza do seu estilo e no expontâneo vigor do seu talento de artista e de poeta; escapou-nos, é certo, durante êsse periodo de entusiasmo pelos mais belos entrechos e mais flagrantes personagens dos seus livros, o verdadeiro sentido nacionalista e alta envergadura da sua obra social.

Demos assim razão ao grande moralista que foi La Fontaine:

«A fábula não é o que parece.
«A moral nua aborrece.
«E o conto traz consigo o preceito, mais perfeito».

Acabada porém a idade dos sonhos e terminado o romance que ingénuamente arquitectaramos, mais ou menos dilacerados todos pela instabilidade do sentimento humano, volvemos de novo olhar maguado para os livros encantadores de Júlio Denis.

Damos-lhe uma atenção mais solicita.

Até aí escutaramos apenas os lindos diálogos de amor que chegámos todos a ter de côr, e de que o preferido era invariavelmente o de Jorge e Berta nos «Fidalgos da Casa Mourisca».

— «Ficará pelo menos extinta de uma vez com êste sacrifício a aversão que me tem, senhor Jorge?

Jorge estremeceu.

— A aversão que lhe tenho? que diz, Berta? ! Pois imagina?...»

E antes que eles chorassem já nós tinhamos chorado tanto!...

Mas não é maravilha.

O próprio Júlio Denis nos edifica:

«Pelo coração é que principia a vida, *escreve êle*, e pelo coração é que ela termina».

«Ama-se antes de conhecer, antes de pensar e quando a inteligência se embotou pela proximidade da morte, o coração conserva ainda os seus afectos como o legado precioso que lhe resta doutras mais felizes idades».

Passado êsse delirio, é já o autor que mais nos interessa. A seguir os biógrafos.

Por fim é a beleza palpável da sua obra magnifica e libertadora dos preconceitos errados de falsas doutrinas, que surge como um deslumbramento à nossa vista.

Júlio Denis era um justo e um bem intensionado.

Como tal ficou nas suas prestigiosas realisações literárias.

Amou docemente Portugal e, docemente, com as mais delicadas tintas de aguarelista eximio, pintou as páginas dos seus romances dum bucolismo enternecedor.

Amou com energia a liberdade dos que honestamente se amavam, e defendeu brilhantemente a felicidade dêsses corações oprimidos até ao último sôpro da sua vida. Só não chegou a rever as últimas provas dos seus «Fidalgos....» A morte levou-o antes.

Tudo isto sabemos e tudo isto admiramos todos, no seu espirito e no seu carácter.

Mas há mais.

. . . .

Júlio Denis morreu com 31 anos, tendo, é certo, deixado livros tão bons que mereceram a aprovação de Alexandre Herculano.

Mas deixou também por escrever mais de metade das suas aspirações e dos seus projectos.

Não será pois ousada a hipótese que formulamos de que, se não tivesse sido tão doente, Júlio Denis teria sido um notável cultor do romance histórico que ficou por encetar, e até, quem sabe, talvez também ainda um historiador.

Como não será sempre a História a paixão de todos os portugueses?

Começa-se em geral pelos poemas, pelas descrições da terra e da paisagem, por lendas, episódios, e, a pouco e pouco, se vinca uma personalidade à medida que se vai firmando nos conhecimentos adquiridos.

Seria a História a verdadeira paixão de Júlio Denis, quando chegasse à idade em que nem só o amor conta?

Sousa Viterbo é o próprio a afirmar que êle foi um escritor progressivo.

Se do conto ao romance há progresso, do romance à História vai todo o aperfeiçoamento, sendo a glorificação dum autor.

Sobretudo em Portugal.

E como negar que Júlio Denis não chegou a manifestar-se em tôda a extensão do seu merecimento, da sua capacidade e da sua erudição?

Júlio Denis ficou pela aldeia e pela provincia.

Mas temos provas de que chegou a coligir apontamentos de valor sôbre a vida na côrte de D. João II soberbamente esboçada no «programa para o 1.º volume» da (Excelente Senhora?) que vem publicado nos «Inéditos e Esparsos».

São quatorze folhas muito bem vincadas de que salientaremos a cêna planeada entre D. João II e Garcia de Rezende de interêsse crescente, embora levemente apontada, e a outra do rei com a rainha Dona Leonor, quando se trata das más noticias vindas de Aveiro da Infanta Santa Joana.

Eis as frases textuais de Júlio Denis no seu projecto:

«D. João, ponderando os resultados daquela morte, menciona o nome de D. Jorge. A rainha não póde reprimir um movimento de desgôsto que o rei finge não perceber. Continua pedindo desculpa à rainha por se referir a um assunto de antigas discussões conjugais, felizmente hoje acabadas, mas que, emfim, é pai e como tal não pode vêr sem apreensões a pobre criança privada do benéfico carinho de sua santa irmã Dona Joana; que, confiando no animo generoso da rainha, ousava vir pedir-lhe que abrisse os braços àquele pobre orfão que ia ficar sem as caricias de uma mulher de que tanto precisava. A rainha não pode suster as lágrimas à idéia do sacrifício que se exige dela e lembra a D. João que êle lhe supõe um coração diferente do coração humano; que já sacrificou muito à realeza, as saudades, a afeição fraternal e o orgulho de esposa; pede-lhe que a não sujeite a uma nova humilhação. D. João afirma-lhe que não se humilha perdoando nobremente antigas culpas e estendendo a mão a uma creança que a não ofendeu».

Que pena Júlio Denis não ter escrito êste livro!

Seria capaz de absolver a Rainha D. Leonor da sua indiferença pelo marido? Dificil tarefa que no entanto seria apenas possivel a tão persistente defensor da mulher.

A obra de Júlio Denis está repassada de aprêço pela mulher.

Seria até êsse, pela insistência, o ponto fraco que gostosamente lhe apontariam os seus delactores se... não fôsse justamente o mais forte.

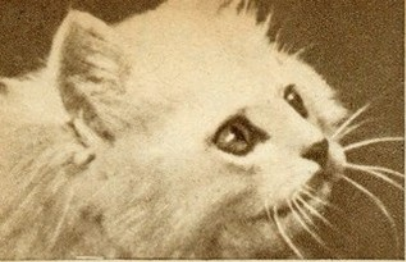
A mulher portuguesa tal qual é, sem precisar de enfeites ou de ser falseada por artificios despresiveis, dignificou-a e glorificou-a Júlio Denis com o seu maior respeito e a mais viva ternura do seu bondoso coração.

Ela soube no entanto retribuir-lhe êsse afecto.

Como também observa o grande sábio e eminente Professor Egas Moniz no mais completo trabalho consagrado a Joaquim Guilherme Gomes Coelho pela sua pena ilustre, Júlio Deniz é «o autor mais querido da gente portuguesa».

E o culto literário popular ou académico é como o religioso obra da mulher, e veiu sobretudo dela.

Não é pois apenas em nome da mulher na História de Portugal que hoje erguemos a voz emocionada pela gratidão para louvar o genial romancista portuense que nos banhou de luz o pensamento, mas também e sobretudo para lhe render graças em nome de Portugal na História da mulher.

BERTHA LEITE

O GATO

Entre os animais domésticos, o gato é sem dúvida aquele que mais se aninha dentro de casa e que mais civilizado nela se mostra, e a-pesar-de rara ser a casa em que não há um gato, a verdade é que é talvez o animal que o homem menos compreende. Começa pela sua função de caçador de ratos, baratas e todos os bichos que infestam as casas, o que o torna tão útil, mas... aqui entre nós, vou confessar aos vossos corações moços de raparigas modernas, que não são dadas a cheliques quando vêem um rato, que eu tenho uma simpatia muito grande pelo pequeno ratinho, êsse gracioso animalsinho que saltita com os seus olhinhos espertos, e esqueço, ao vê-lo tão gracioso, como êle é daninho dentro duma casa e não é sem um apêrto no coração que o vejo atravessado na bôca do gato, que avança com ares de caçador da floresta e de sangüinário felino.

O gato é feliz dentro de casa e é o mais comodista de todos os animais; em geral muito limpo, tem o pudor da doença e quando se sente doente esconde-se. É um companheiro silencioso que nos segue com os olhos, êsses enigmáticos olhos de gato, de que não compreendemos bem a expressão; enrolado sôbre uma almofada, fazendo o seu «ron-ron», sintoma de bem estar, é um complemento ao confôrto e bem estar do ambiente no inverno. Porque podem ter a certeza que o gato escolheu o ponto mais quente e confortável para se aninhar; inimigo do frio como nenhum outro animal, êle sabe onde estará melhor. Êste aspecto do gato e a facilidade com que arranha quando o maltratam tem-lhe feito a fama de ser incapaz de ter uma reputação.

Vou contar-lhes a história duma gatinha que eu tive em criança. Eramos um rancho de crianças turbulentas, mas gostavamos imenso de animais; deram-nos uma gatinha, uma vulgar gatinha malteza, pequenina e graciosa, foi recebida com entusiasmo e resolvemos juntá-la a uns coelhinhos que eram o nosso encanto, viviamos na província, tinhamos um grande quintal e os coelhos viviam com a gatinha na melhor harmonia. Tendo de mudar de terra trouxe a gatinha escondida num cestinho, e o que a entrada do revisor na carruagem fazia bater o meu coração de criança, no receio de ver expulsa a gata querida, nunca o esquecerei. Chamava-se Gravoche a gatita, e bem merecia o seu nome porque era uma verdadeira garota; adorando-nos, não permitia que a apertássemos e à mais pequena tentativa as suas unhas lembravam-nos de que ela também tinha a sua vontade. Companheira de todos os nossos brinquedos, era conhecida na cidade para onde fomos viver, porque nos acompanhava ao Jardim Público trepando às árvores e correndo ao nosso lado. Quando íamos de manhã para o Colégio acompanhava-nos até à porta e quando saíamos às 4 horas lá estava sentada no meio do caminho à nossa espera e eram cabriolas e marradinhas, mas ai de quem tentasse apanhá-la! Dirão que era ingrata, eu acho que era inteligente e se defendia do perigo de carícias vivas demais. Quando me castigavam e eu chorava, o que acontecia muitas vezes, a gatinha miava, trepava por mim acima e lambia-me para me consolar. Quando tinha gatinhos punha-os na minha cama e ia fazer as suas excursões pelos telhados de onde às vezes trazia um passarinho morto, um rato, um bocado de chouriço que roubava, e tudo depositava na minha cama. Fazia em casa as maiores tragédias, quando tinha filhos pequenos, em loucas correrias trepando pelo pano do piano, partia jarras, fazia ninho nas caixas de chapéus. Mas o coração de meus pais, enternecido pelo afecto que nos dedicava, perdoava-lhe, e sentia-se comovido ao ouvir os seus estrepitosos «miaus» quando fora das horas de colégio saíamos tôdas e sobretudo se não jantávamos em casa. Passaram anos e tivemos de fazer uma longa viajem por mar, tivemos de ir para África e tornava-se impossível levar a Gravoche, foi para nós um grande desgôsto deixar a gata, pessoas amigas que ficaram com a casa ofereceram-se para ela ficar ali. E assim partimos fiadas em que estando na mesma casa ela ficaria contente. Mas a-pesar-de dizerem que os gatos não gostam dos donos, mas sim da casa, ela, ao ver que não eram os seus donos que nela estavam, não entrava, não aceitava a comida que lhe davam e assim morreu no grande portal da casa, sem entrar e sem comer. Morreu de saüdades, a-pesar-de ser gata e de arranhar quando a incomodavam. Esta gata reabilita tôda a fama de indiferença e de egoismo dos gatos, e é talvez por nunca a ter esquequecido, que eu gosto tanto de gatos. E não são os lindos «angoras» ou os siamezes tanto na moda os que mais me atraem, mas sim o vulgar gatinho maltês que encontramos a tôdas as esquinas o que me enternece na saüdosa memória da gatinha da minha infância.

MARIA DE EÇA

PÁGINA DAS LUSITAS

Por Maria Paula de Azevedo

Era uma vez... ANTÓNIO MARIA, O ORGULHOSO

ANTONIO Maria tinha onze anos e andava no liceu. Esperto como um alho, aprendia tudo depressa o que dava alegria aos mestres e aos pais que o adoravam. Era tão feliz a vida dêle, que nunca soubera, sequer, o que era um desgôsto! Filho de pais ricos, são como um pêro, vivendo numa linda casa no meio dum grande jardim Antonio Maria, a quem todos chamavam o Tòbi era, sem dúvida, o rapaz mais feliz do mundo.

Porque seria, então, que os seus companheiros do liceu nem por isso gostavam muito dêle?

Entre as dezenas de rapazinhos que compunham a turma de Tòbi havia um chamado Manecas: era fraco, baixinho, pálido e tinha uma perna mais curta que outra. Além disso era filho de gente modesta e andava vestido pobremente, embora sempre limpo e remendado.

Como era inteligente e estudioso andava a par de Tòbi; e mesmo às vezes passava-lhe adiante, embora fôsse um ano mais novo. Ora, se muitos companheiros de Antonio Maria não gostavam dêle, Manecas, pelo contrário, tinha por êle uma verdadeira adoração, a-pesar-de Tòbi o tratar com uns ares de superioridade. Antonio Maria achava-se em tudo superior ao pobre Manecas: não era êle forte e Manecas fraco? Não era êle rico e Manecas pobre? Não tinha êle pais importantes emquanto o pobre Manecas era filho duma modesta viúva? Estabelecendo estas comparações o orgulhoso Antonio Maria tratava o companheiro com verdadeiro desdém; como se as circunstâncias felizes da sua vida fôssem devidas aos seus merecimentos!

— Vai haver um concurso de composição — anunciou, uma tarde, um rapazinho.

— Bem sei: eu entro — declarou Tòbi.

— Eu também — disse, tìmidamente, Manecas. Antonio Maria olhou-o e tornou:

— E' a descrição da batalha de Aljubarrota. Já começaste a estudar isso tudo? E a tua mãi paga-te a inscrição?

Manecas respondeu, sorridente:

— Não é preciso pagar nada; e já fiz o meu trabalho quási todo. Há um prémio para a melhor composição, sabem?

Antonio Maria, cheio de si, respondeu:

— Se calhar ganho o prémio.

— Também posso ser eu; mas naturalmente és tu — tornou Manecas.

Chegou o dia do concurso; e os dois concorrentes cujas composições tinham sido escolhidas eram justamente Antonio Maria e Manecas. Ambas estavam boas, feitas com inteligência, com linguagem correcta, sem erros ortográficos. E o professor resolveu, para decidir com justiça a quem caberia o prémio, interrogar os dois concorrentes isoladamente.

— Se eu der o prémio ao Manecas, achas bem? — preguntou êle a Antonio Maria.

Este còrou violentamente e erguendo a cabeça, respondeu:

— Não acho, sr. professor. Se as composições estão boas ambas o prémio deve ser meu!

— Porquê?! — tornou o mestre, admirado.

— Porque eu sou mais importante que êle — respondeu altivamente Antonio Maria — Sou rico, sou forte, sou mais velho...

— Que fizeste tu para seres rico, forte, e mais velho? — preguntou o professor.

Tòbi olhou-o, admirado.

— Nenhum dêsses factos tem o menor valor, nem perante Deus, nem perante os homens. — E despedindo o discípulo, chamou o tímido Manecas.

— Queres que te dê o prémio? — preguntou o professor.

Mas o bom Manecas, com os olhos cheios de lágrimas, respondeu:

— Eu gostava imenso! Mas é melhor dá-lo ao Tòbi, senhor professor, senão êle apanha um grande boléo, coitado!

Então o professor não hesitou mais. Diante de todos os rapazes, elogiando as duas composições sôbre a gloriosa batalha de Aljubarrota, conferiu o prémio a Manecas e declarou:

— Ambos êles mereciam o prémio pelo trabalho que fizeram. Mas como só a um se pode dar, dou-o ao mais modesto, àquele que se impõe só pelo seu merecimento.

Antonio Maria, que pela primeira vez se via suplantado por outro, sentiu uma revolta íntima; mas o professor, chamando-o, explicou-lhe com doçura:

— O teu orgulho é um sentimento baixo e indigno dum rapaz inteligente. Orgulha-te, sim, de seres cristão, de seres português, de seres recto e bom: mas nunca das circunstâncias exteriores da sua vida!

Tòbi, que era realmente inteligente, compreendeu a lição; e, daí em diante, a sua soberba foi pouco a pouco desaparecendo...

CORRESPONDÊNCIA

Lusitas, oiçam! Quero chamar a vossa atenção, mais uma vez, para o encantador procedimento da querida Lusita Vera Maria, *juntando, com as suas* abelhinhas, *uma quantidade de brinquedos para as crianças pobres; e trabalhando êsse grupo amigo e pequenino, em bibes e roupinhas várias.*

Tão encantada fiquei que não resisti ao prazer de fotografar alguns dêsses brinquedos, algumas dessas roupinhas: para que outras Lusitas sigam o belo exemplo da querida Vera Maria!

TIA ANICA

QUERIDAS LUSITAS

Quiz fazer-vos uma surpreza qu
será também uma surpreza para
Directora da vossa página.

Aqui a tendes, a vossa grande Amiga, rodeada das criancinhas da sua créche; só faltam os bébés mais pequeninos que ainda não sabem cantar, nem... falar!

Como vêdes, Maria Paula de Azevedo tem um grande coração: nele cabem as suas «filhinhas» da créche e tôdas as Lusitas portuguesas!

Se algumas Lusitas quiserem ir visitar a créche de Maria Paula de Azevedo, essa linda obra que ela criou, sustenta e dirige, escrevam para

Maria Joana Mendes Leal

Boletim da "Mocidade Portuguesa Feminina"
Praça Marquês de Pombal, 8 — Lisboa

Aventuras de ROSA TEIMOSA

Quando chegaram ao Campo Grande já as iluminações eram brilhantes; e as barracas, luzindo com as mais variadas quinquilharias, viam acumular-se junto aos balcões uma verdadeira multidão. Todos riam, gritavam, falavam; e Rosa, dando o braço à Jùjú, gosava intensamente.

— As meninas não se afastem, pelo amor de Deus! — dizia a boa Joaquina de vez em quando.

— Se se perdem no meio desta gente, crèdo Nossa Senhora! — concluía Conceição, aflita.

— Qual! — respondia Rosa, andando dum lado para outro com a prima.

Um rapazito passou, tocando pandeiro, com um urso lazarento prêso por uma corrente. E o urso, em pé, dançava duma maneira cómica o mais possível.

Rosa correu a vêr a dança de perto.

— Menina, menina! — chamou Joaquina.

Jùjú largou o braço da Rosa e disse, assustada:

— Eu não quero chegar-me ao urso... Tenho mêdo, Rosa!

— Medrosa! — gritou Rosa. — Não vês que está prêso?

— Deixá-lo, não quero — teimou Jùjú, fugindo, enquanto Rosa se aproximava.

— Menina! Menina! — chamou Conceição.

— São horas de voltar para casa — gritou Joaquina, enquanto Rosa, sem fazer caso nenhum, ia seguindo o urso levado pelo rapaz, que se afastava do recinto da feira.

Assim foi passando o tempo e era já escuro quando o rapaz do urso se meteu por uns atalhos pedregosos e lamacentos.

Rosa, cansada, parou e olhou em tôrno de si. Como estava escuro... Onde estariam as criadas? Onde ficara a Jùjú?... Pareceu-lhe ouvir ao longe, muito ao longe, a voz de Joaquina — Menina! Menina Rosa! — e resolveu voltar para traz a correr, para as apanhar de surpresa e troçar a medrosa Jùjú. Mas não teve tempo para realisar o seu projecto...

Um homem alto, de mãos peludas e negras, saiu de uma sébe de silvas e agarrou-a pelo vestido.

— Deixe-me! não vê que me suja o vestido?! — gritou Rosa.

O homem, indiferente, agarrou-a com mais fôrça e, dando-lhe um empurrão, gritou com voz rouca:

— Vá, é andar, toleirona. Vestido limpo te vou eu dar já... — e Rosa foi levada para uma barraca sórdida e escura onde umas dezenas de homens, mulheres e crianças, se amontoavam juntamente com o urso, vários cãis, e alguns cavalos.

Que iria suceder-lhe, meu Deus! Como estava longe das criadas, da Jùjú, dos adorados pais, da linda casa da Estrêla!... Rosa estava aterrada e desatou a chorar em altos gritos.

— Quem é essa miúda! — preguntou uma velha, alta e rugosa, embrulhada num chaile preto. — Para que a trouxeste, Zogar?

O homem que agarrara Rosa atirou com ela para o meio do grupo e respondeu a rir:

— Vinha atraz do Omar e do urso. Pode servir-nos para pedir esmola ou ensina-se-lhe alguma coisa.

— Calha bem — observou outro homem — desde que morreu a Zuleima falta uma garota como esta...

A velha abanou a cabeça e, ouvindo os gritos estridentes de Rosa, disse:

— Mau negócio aqui às portas de Lisboa. Se vierem procurá-la, que explicação dão?

(Continua)

O LAR

O QUARTO

TÔDAS as raparigas devem ter gôsto pelo seu quarto.

Enquanto somos novas, em geral o nosso quarto é aquele que os nossos pais nos destinam; devemos contentar-nos com êle. Mas se nos fôsse dado escolher o nosso quarto, deveríamos escolhê-lo o mais higiénico possível, isto é, com bom ar e sol. Não se devem sacrificar as melhores divisões da casa para salas. A casa é principalmente para a família e o quarto, onde passamos grande parte da nossa vida, precisa de ser bom, para bem da nossa saúde.

Mas, não podendo talvez ter um quarto tão bom como seria para desejar, devemos ao menos procurar remediar ou evitar certos inconvenientes.

Se o quarto fôr húmido, não devemos encostar a cama à parede, nem forrar as paredes com papel.

Se fôr frio, não devemos aquecê-lo antes de nos deitarmos com fogareiros, porque o óxido de carbono que o carvão produz pode envenenar-nos. O melhor aquecimento será uma botija na cama ou, em caso de doença, quando é preciso elevar a temperatura do quarto, queimar numa vasilha um pouco do alcool desnaturado.

É também anti-higiénico estender roupa a enxugar no quarto, porque a evaporação da água tornará o quarto húmido; ou guardar no quarto roupa suja; ou conservar no quarto coisas com mau cheiro. Também se não deve dormir num quarto acabado de pintar.

As flores, à noite, devem ser retiradas do quarto porque viciam o ar, roubam-nos o oxigénio.

Tomadas estas precauções com a higiene do nosso quarto, devemos desejá-lo bonito. Mas *bonito* não quere dizer com luxo.

A beleza dum quarto está principalmente na sua simplicidade, asseio e ordem.

Não devemos cobiçar para o nosso quarto reposteiros e cortinados. Num quarto deve evitar-se tudo aquilo que se possa tornar um ninho de poeira, porque o ar que respiramos a dormir deve ser o mais puro possível.

Para embelezar o nosso quarto, basta pôr-lhe nas janelas umas cortinas de cassa branca, de que a qualidade será segundo as nossas posses.

O que importa é que estejam sempre bem lavadas e bem passadas a ferro para darem ao quarto um ar de frescura e graça.

Também não devemos ambicionar mobílias luxuosas e complicadas.

Bastam os móveis indispensáveis: uma cama, uma mesinha, uma cadeira, um toucador com um espelho, um lavatório (não havendo casa de banho para nos arranjarmos), e, sendo possível, um guarda-vestidos e uma mesa de escrever.

Móveis inúteis, não vale a pena; estão a roubar lugar e ás vezes só servem para o pó neles se anichar.

Os móveis com muitos arrebiques são sempre de mau gôsto no quarto duma rapariga. Mas talvez nem para os móveis indispensáveis nos chegue o dinheiro... Não nos desconsolemos! Com umas tábuas e uns metros de cretone já se pode improvisar um toucador ou um guarda-vestidos. Côres claras, linhas simples, e o nosso quarto, a-pesar-de modesto, poderá ficar gracioso e confortável.

Também não devemos abusar dos *biblots* no nosso quarto.

Há pessoas que vão amontuando sôbre os móveis mil bugigangas sem beleza nem utilidade. Mais vale uma só jarra com flores sôbre um pano bordado do que uma dúzia de bonecos sem arte. Uma moldura sóbria com uma fotografia querida também nunca aborrece.

Nas paredes também não devemos pendurar muitos quadros, e sabe Deus se com gravuras inconvenientes!

O mais lindo ornamento das paredes dum quarto é um Crucifixo e uma estampa de N.ª Senhora.

O nosso quarto é também a nossa capelinha particular, onde de manhã e à noite nos ajoelhamos para rezar.

Não deve existir no nosso quarto nada que ofenda o olhar de Deus nem que seja contrário à pureza da nossa alma.

(Continua)

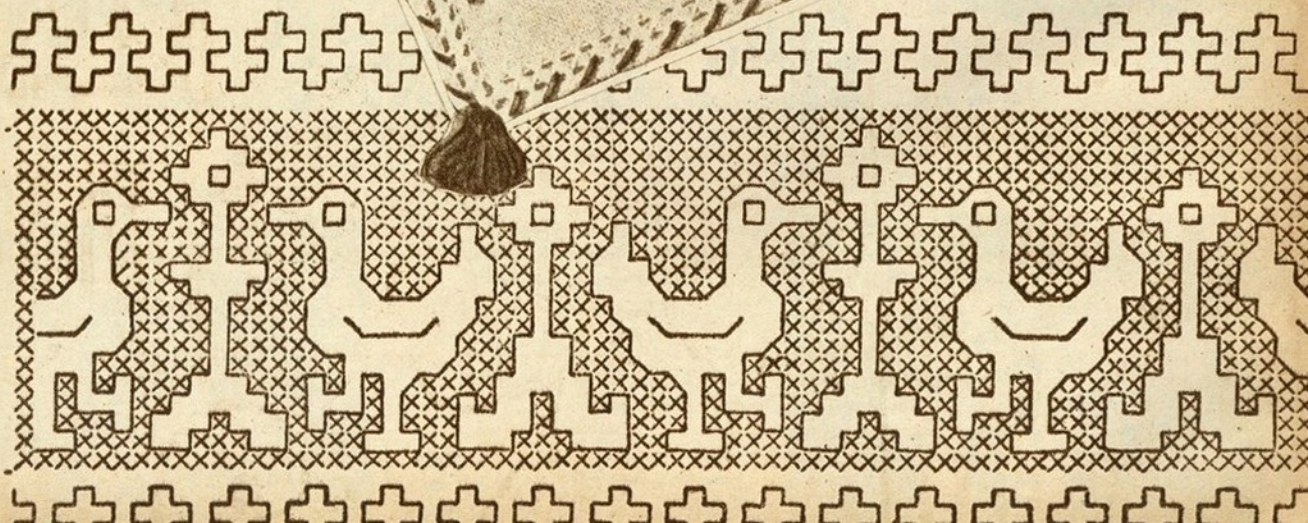
Trabalhos de Mãos

O modêlo que hoje publicamos tanto pode servir para uma saca de guardanapo como, continuando-o, para uma barra num pano ou numa toalha.

Damos também o desenho em tamanho natural para facilitar a execução.

Para o trabalho ficar perfeito, devem-se contar os fios de linho, que, para isso, não deve ser muito fino.

Faz-se primeiro o contôrno do desenho com linha ou algodão *perlé* preto; depois enche-se todo o fundo a ponto de cruz em azul, ou na côr que se preferir, ficando as figuras a sobressair no linho que, sendo côr de marfim, será mais bonito.

SACA PARA GUARDANAPO, EM PONTO DE CRUZ

AO PÔR DO SOL... NA MINHA TERRA..

Sol, gôta imensa de sangue,
afogada em mar de pranto!...
Rubro fôgo ainda exangue,
que se apaga em azul tanto!...

Botão doirado, ao murchar
mais imponente e formoso!...
Luz que quási a apagar
se abre em sorrir doloroso!...

Triste adeus de mãi saüdosa,
os filhos beijando a mêdo
entre risos soluçando...

Gôta de sangue!... És a rosa
que desperta no arvoredo,
dôces rouxinóis cantando!...

ROSA MARIA

"A NOSSA DIVISA"

(A. M. P.)

Garbosa a Mocidade vai passando
A marchar sempre altiva, olhando em frente!
Com coração alegre e bem fremente
A nobre juventude vai cantando!

E porque canta hinos a sorrir?
— Para que o mundo diga confiante:
«Lá vai a Mocidade, radiante
Por vencer a labuta do porvir!»

Esperançosa, sempre sem estranhêsa
A franca Mocidade Portuguesa
Diz que em tudo há-de ser ela a marcar.

Visto a lei nos manda dizer: «queremos»,
Então num grito unissono diremos;
«Por Deus, por Portugal, por Salazar!

MARIA LEONOR

MOCIDADE

Mocidade! Vigor, fôrça, alegria,
aurora do prazer, sol de amores,
dôce perfume de encantadas flores,
cântico d'alma, etérea melodia;

De amor, de luz, de gôso ardente dia,
mágico prisma de infinitas côres,
astro do coração vibrando ardores,
arpa eólia divina da harmonia;

Sonho perêne, intermino, cantante,
mundo de belos ideais insanos;
Primavera de fé revigorante;

Continuo deslizar d'almas, enganos,
Fantástico jardim sempre odorante,
Tudo acaba sem dó, passando os anos!

GERMANA FERREIRA SOARES
Vanguardista
Junta da Provincia da Estremadura
Centro 64 Ala 2, Filiada n.º 11066

NAZARÉ...

Nazaré, sorriso eterno,
que a tristeza do Inverno
torna mais suave e branda...
Nas casinhas pobrezinhas,
conchas lindas tão branquinhas,
a vida nasce... morre... e anda...

Há pobreza, isso é verdade,
mas a dôce f'licidade
também ali tem lugar;
e os humildes pescadores,
são felizes, têm amores,
e choram e sabem rezar...

Há nas almas fé ardente,
que inunda o peito da gente
que tão bem conhece o mar...
Partem para o mar cantando
e às vezes... ou vêm chorando...
ou não chegam a voltar...

Mas o mar de azul infindo,
tem dôce cantar tão lindo,
que a nossa alma faz sonhar...
E entre alegria e tristeza,
ora a gente portuguesa
à Virgem, que a leva ao mar!...

ROSA MARIA

Grupo de Braga

Grupo de Vila Real

Grupo de Vila Real

Grupo de Guimarãis

Filiadas de Coimbra, Braga, Guimarãis, Vila-Real e Graduadas do Pôrto

Grupo de Coimbra

Grupo de Braga